



ESTADOS UNIDOS

Fogo mata 19 e fere 63 em Nova York

Vários moradores de prédio no bairro do Bronx sofreram parada cardíaca, intoxicados pela fumaça que se espalhou por todos os pavimentos. Prefeito Eric Adams admite que incêndio é o mais mortífero em 30 anos

Nova York viveu, na manhã de ontem, momentos de horror. Pouco antes das 11h (13h em Brasília), o fogo e a fumaça começaram a se espalhar dentro de um prédio residencial de 19 andares e 120 apartamentos situado no bairro do Bronx. O incêndio deixou 19 mortos, incluindo nove crianças, e 63 feridos, dos quais 32 em estado gravíssimo.

Pelo menos 200 bombeiros foram mobilizados para responder rapidamente à tragédia e debelar as chamas. “Este é um momento horrível e doloroso para a cidade de Nova York. O impacto do incêndio está trazendo dor e desespero à nossa metrópole”, lamentou o prefeito Eric Adams. “É um dos piores incêndios que testemunhamos em nossa cidade na era moderna”, acrescentou.

O fogo teve início em um apartamento duplex do segundo e terceiro andares. Como a porta da unidade tinha sido deixada aberta, a fumaça se espalhou para todos os outros pavimentos. Segundo a rede de TV CNN, os bombeiros foram surpreendidos por uma densa fumaça escura. Nas escadas do edifício e em todos os pavimentos, encontraram vítimas em parada cardíaca, provocada pela intoxicação. Entre os mortos, há uma criança de quatro anos.

“Estava um caos”, disse à agência France-Presse (AFP) George King, morador do prédio vizinho. “Vi a fumaça, havia muita gente em pânico. Você podia ver que ninguém queria pular do prédio. As pessoas agitavam os braços nas janelas.” O frio rigoroso dificultou o trabalho dos bombeiros, que demoraram mais

Scott Heins/Getty Images/AFP



Bombeiros e socorristas trabalham em frente ao edifício de 19 andares: vários corpos tiveram que ser resgatados pelas janelas

de uma hora para apagar o fogo do imóvel construído em 1972.

Pânico

Em entrevista ao jornal *New York Post*, Cristal Díaz, 27 anos, moradora do 15º andar, contou que agarrou os primos, a tia e o cão de estimação quando percebeu o incêndio. “Ao beber café na sala, senti cheiro de fumaça. Começamos a molhar toalhas e a colocá-las nos vãos das portas.

Não sabíamos o que fazer. Olhamos para as janelas e vimos os bombeiros descendo os corpos envolvidos em cobertores”, relatou Allany, 13 anos, sobrinha de Cristal, disse ter visto mães desmaiarem ao constatarem que os filhos tinham morrido. “Presenciamos um monte de corpos saindo. Alguns eram de meus colegas de infância”, lamentou.

Os feridos foram levados para cinco hospitais e muitos deles tiveram parada cardíaca e

respiratória. Na noite de ontem, o prefeito Eric Adams explicou que o defeito em um aquecedor portátil causou a tragédia. Ao menos 25 janelas explodiram por causa do calor.

Na última quarta-feira, outro incêndio em um prédio da Filadélfia (leste) matou 12 moradores, incluindo oito crianças. Oito pessoas conseguiram escapar das chamas. Em dezembro de 2017, 12 pessoas, entre elas quatro menores, morreram em

um incêndio também no Bronx, em Nova York — o fogo foi provocado por uma criança de três anos e meio que brincava com um fogão a gás.

No entanto, a pior tragédia a atingir o Bronx ocorreu na boate Happy Land, em 1990, quando 87 pessoas morreram. As chamas foram iniciadas por um homem, depois de uma briga com a namorada, que trabalhava na bilheteria. Ele despejou gasolina no local e ateou fogo.

ARÁBIA SAUDITA

O dia em que o samba chocou

Twitter/Reprodução



Passista se apresenta em Festival de Inverno de Jazan

Acredite se quiser. Aconteceu em um dos países mais conservadores do mundo, que segue à risca a versão ortodoxa do sunismo, corrente do islã. Três passistas sambam pelas ruas de Jazan, cidade localizada no sudoeste da Arábia Saudita, às margens do Mar Vermelho. Em vídeo divulgado nas redes sociais, as mulheres aparecem sorridentes, com os antebraços e parte da barriga à mostra, ao som de tambores. As pernas estão semicobertas por penas. Uma das passistas, vestida de azul, cumprimenta crianças, que não escondem a alegria e acompanham o trio. Nas imagens, alguns homens registram tudo com seus celulares. A apresentação, parte do Carnaval Martítimo de Jazan e do Festival de Inverno, escandalizou cidadãos e autoridades.

“Assistam à decadência e ao tremular da bandeira gay no evento de inverno de Jazan para mulheres nuas!”, escreveu um saudita no Twitter, ao publicar o vídeo. Em nota, o príncipe Muhammad bin Nasser bin Abdulaziz, emir (governador) da região de Jazan, comentou o incidente e anunciou uma apuração dos fatos. “Sua Alteza o Emir de Jazan ordena rapidamente uma investigação sobre a participação de um grupo de dança nas atividades do Festival de Inverno de Jazan e a tomada de medidas necessárias para prevenir quaisquer abusos”, afirma o Emirado de Jazan. Segundo o comunicado, a decisão do príncipe foi tomada ante a repercussão dos vídeos e das fotos nas redes sociais.

Indignação

Cidadãos sauditas reagiram com indignação à apresentação das “sambistas” em Jazan e cobraram punições. “Não é a primeira vez, e espero que seja a última. Jazan e seu povo são puros e honrados para terem sua reputação manchada por essa imundície moral”, escreveu um deles, em resposta ao comunicado do Emirado de Jazan. “Por Deus, o que está acontecendo? Querem manchar a nossa pátria, que serve às duas mesquitas sagradas (Meca e Medina), conhecidas pela preservação do valor, da religião e da moral”, comentou outro.

O supervisor geral do Emirado de Jazan destacou que o Festival de Inverno “trabalha para o desenvolvimento da indústria de turismo, de forma a contemplar as necessidades e as aspirações da comunidade, incluindo moradores e visitantes, com os esforços dos criativos filhos e filhas de Jazan”. Ele também citou a diversidade que marca o evento.

CAZAQUISTÃO

Revolta popular tem 164 mortos e 5.800 presos

As autoridades do Cazaquistão anunciaram, ontem, que os violentos distúrbios motivados pelo aumento no preço de gás deixaram 164 mortos e cerca de 2 mil feridos. As forças de segurança detiveram pelo menos 5.800 pessoas vinculadas às revoltas sangrentas, que abalaram o maior país da Ásia Central e ex-república soviética, durante a última semana.

Os números não puderam ser confirmados por uma fonte independente. No entanto, 103 das mortes teriam sido registradas em Almaty, a capital econômica, segundo informaram vários jornais, citando o Ministério da Saúde. Até ontem, fontes oficiais indicavam 42 óbitos — 26 manifestantes e 16 membros das forças de segurança. Os corpos de policiais foram decapitados e abandonados pelas ruas.

Ontem à tarde, o comunicado com o balanço do levante desapareceu do canal do governo no aplicativo de mensagens Telegram. O Ministério da Saúde indicou à mídia cazaque e russa que a informação tinha sido publicada por engano. No entanto, as autoridades não desmentiram a informação e não forneceram novos números.

No total, cerca de 5.800 pessoas foram detidas, “entre as quais há muitos estrangeiros”, em 125 investigações diferentes,

informou a Presidência cazaque, por meio de nota, sem fornecer mais detalhes. Na última sexta-feira, o presidente Kassym Jomart Tokayev ordenou às forças de segurança que atrasassem para matar, caso fosse preciso. Também chamou os manifestantes de “bandidos armados” e prometeu sufocar a rebelião sem precedentes. O chefe de Estado assegurou que 20 mil “terroristas” participavam dos protestos.

“A situação se estabilizou em todo o país”, apesar de as forças de segurança continuarem realizando operações de “limpeza”, disse uma fonte do governo, após uma reunião de crise convocada por Tokayev. Na semana passada, ele pediu ajuda do colega russo, Vladimir Putin, que enviou uma “força de paz” para Almaty.

Alta traição

No sábado, o ex-diretor dos serviços de Inteligência, Karim Massimov, foi preso por suspeitas de “alta traição”. De acordo com o Ministério do Interior cazaque, citado pela imprensa local, os danos materiais foram estimados em cerca de 175 milhões de euros (ou R\$ 1,1 bilhão). Mais de 100 empresas e bancos foram saqueados e em torno de 400 veículos, destruídos.

Almaty — cidade de 1,7 milhão

Ministério da Defesa da Rússia/AFP



Tropas de paz da Rússia desembarcam em aeroporto de Almaty

de habitantes — retornou a uma tranquilidade relativa nos últimos dias, mas agentes da polícia dão tiros de advertência para o alto, na tentativa de evitar que moradores se aproximem da praça central da cidade.

Sinal do tímido retorno à normalidade, 30 supermercados reabriram as portas ontem, segundo os jornais, pairando sobre a população a preocupação

de uma possível escassez. O aeroporto local, que deveria retomar as operações hoje, permanecerá fechado “até uma estabilização da situação”, indicaram as autoridades.

Raízes

O Cazaquistão, país com 19 milhões de habitantes, rico em hidrocarbonetos, foi abalado por



distúrbios sem precedentes desde sua independência, em 1989, nos quais morreram dezenas de pessoas. O protesto começou no domingo passado (3 de janeiro), nas províncias, devido ao aumento dos preços do gás. Depois, a revolta se espalhou para as grandes cidades, incluindo Almaty, onde houve distúrbios e a polícia disparou balas reais contra os manifestantes.